

**DESCOLONIZANDO GÊNERO: UMA VISÃO CRÍTICA
À LUZ DA LINGUÍSTICA APLICADA CRÍTICA E
DA ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA**

Denise Maria Oliveira Zoghbi (UFBA)
denise_zoghbi@hotmail.com

RESUMO

A problemática dos gêneros, das sexualidades, das nacionalidades, das etnias, dos territórios vem imperando na vida contemporânea uma grande reflexividade (ZOGHBI, 2015, p. 145). Essas construções identitárias vêm sendo discutidas através da vertente crítica da Linguística Aplicada, dialogando com os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso Crítica. A Linguística Aplicada Crítica (LAC) discute problemas sociais na perspectiva de sujeitos sociais minoritarizados e ideologias ditas ‘alternativas’ (teorias feministas, das relações de gêneros, as narrativas étnicas e raciais, as teorias *queer*, o pós-modernismo, o pós-estruturalismo, o pós-colonialismo e os estudos culturais) (ROJO, 2013, p. 65). A Análise do Discurso Crítica (ADC) propõe não só explicar os mecanismos de dominação ideológica, mas, principalmente, modificar as relações de dominação e poder impostas sobre os grupos minoritarizados (FAIRCLOUGH, 2008; VAN DIJK, 2008). Estas áreas propõem discutir questões que exijam uma posição crítica de analistas, como racismo, sexismo (discriminação com base na orientação sexual e/ou no gênero), violência, pobreza e temas relacionados à exclusão social. Podemos falar de identidades performativas ou performances identitárias (MOITA LOPES, 2013). Neste artigo, serão analisados alguns discursos gerados em contextos específicos, buscando entender como se dá a construção das identidades dos sujeitos discursivos, bem como evidenciar a presença ou não de discursos preconceituosos e de exclusão.

Palavras-chave:

Gênero. Identidade. Análise de Discurso Crítica

ABSTRACT

The issue of genders, sexualities, nationalities, ethnicities, and territories has prevailed in contemporary life with great reflexivity (ZOGHBI, 2015, p. 145). These identity constructions have been discussed through the critical aspect of Applied Linguistics, dialoguing with the theoretical and methodological assumptions of Critical Discourse Analysis. Critical Applied Linguistics (LAC) discusses social problems from the perspective of minority social subjects and so-called ‘alternative’ ideologies (feminist theories, gender relations, ethnic and racial narratives, queer theories, postmodernism, post-structuralism, post-colonialism and cultural studies) (ROJO, 2013, p. 65). Critical Discourse Analysis (ADC) proposes not only to explain the mechanisms of ideological domination, but mainly to modify the relations of domination and power imposed on minority groups (FAIRCLOUGH, 2008; VAN DIJK, 2008). These areas propose to discuss issues that demand a critical position from analysts, such as racism, sexism (discrimination based on sexual orientation and / or gender), violence, poverty and issues related to social exclusion. We can speak of performative identities or identity

performances (MOITA LOPES, 2013). In this article, some speeches generated in specific contexts will be analyzed, seeking to understand how the construction of the identities of the discursive subjects occurs, as well as to evidence the presence or not of prejudiced and exclusionary speeches.

Keywords:

Gender. Identity. Critical Discourse Analysis.

1. Introdução

Corroborando as ideias de Moita Lopes (2003), afirmo que a problemática dos gêneros, das sexualidades, das nacionalidades, das etnias, dos territórios vem imperando na vida contemporânea uma grande reflexividade (ZOGHBI, 2015, p. 145). Essas construções identitárias vêm sendo discutidas através da vertente crítica da Linguística Aplicada, dialogando com os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso Crítica. Considero o termo crítico, aqui, como uma prática pós-moderna problematizadora, questionando a aceitação da realidade como dada (naturalizada); questionando os discursos, buscando entender suas causas e seus efeitos, não esperando respostas certas ou prontas, mas sim possíveis explicações (PENNYCOOK, 2006). Ser crítico implica em buscar entender essas possibilidades nas situações que se apresentam.

Aqui, a ideia de “crítico” defendida propõe extrapolar o

[...] mero distanciamento em busca de uma possível objetividade e a simples correlação entre linguagem e contextos sociais [...] Considera também questões de acesso, poder, diferença, desigualdade e resistência, sempre atreladas às condições sociohistóricas de produção e reprodução das relações sociais. (TILIO, 2017, p. 23)

As construções identitárias vêm sendo discutidas através da vertente crítica da Linguística Aplicada, dialogando com os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso Crítica. A Linguística Aplicada Crítica (LAC) discute problemas sociais na perspectiva de sujeitos sociais minoritarizados e ideologias ditas ‘alternativas’ (teorias feministas, das relações de gêneros, as narrativas étnicas e raciais, as teorias Queer, o pós-modernismo, o pós-estruturalismo, o pós-colonialismo e os estudos culturais (ROJO, 2013, p. 65). A Análise do Discurso Crítica (ADC) propõe não só explicar os mecanismos de dominação ideológica, mas, principalmente, modificar as relações de dominação e poder impostas sobre os grupos minoritarizados (FAIRCLOUGH, 2008; VAN DIJK, 2008; RAMALHO; RESENDE, 2011).

2. Construção de identidade de gênero e mecanismos de dominação ideológica

A LAC e a ADC propõem discutir questões que exijam uma posição crítica de analistas, em relação ao racismo, sexismo (discriminação com base na orientação sexual e/ou no gênero), violência, pobreza e temas relacionados à exclusão social.

2.1. Discutindo identidade de gênero

Fazendo uma Inflexão por meio das teorias Queer que abraça uma posição de desnormalização de qualquer projeto identitário entendido como natural, dado ou legítimo, Moita Lopes (2013) abandona as políticas de identidades e adota a perspectiva performativa. Podemos então falar de identidades performativas ou performances identitárias. Esta virada “é importante porque a visão da tolerância em relação ao outro coloca aquele que toma tal perspectiva como estando em um lugar certo ou correto e o que tem que ser tolerado como em uma posição errada, mas tolerada” (MOITA LOPES, 2013, p. 242). Este novo posicionamento que visa desnormalizar a legitimidade, por exemplo, de heterossexualidade e branquitude, segue, como já foi dito, os teóricos Queer que se recusam a aceitar qualquer sentido de normalização biologizante de nossos corpos, opondo-se a compreensões modernistas binarizantes e cristalizadas. Na Conferência de Abertura do AILA World Congress Rio 2017 (Congresso Internacional da AILA (Associação Internacional de Linguística Aplicada) em 2017, no Rio de Janeiro, Moita Lopes proferiu a palestra intitulada *Queering Applied Linguistics: framing race and sexuality performativities outside modernity’s persistent delirium* (Linguística Aplicada Queering: enquadrando as performatividades de raça e sexualidade fora do delírio persistente da modernidade). Nela, ele tratou da relação entre as Teorias Queer e a Linguística Aplicada e discutiu questões relacionadas às identidades performativas de raça e sexualidade na contemporaneidade, evidenciando discursos de ódio e crime contra *gays* e negros dentro da Universidade e sua repercussão na web.

Podemos refletir sobre a provocação apresentada por Oliveira (2013, p. 10): “Piadas, músicas e provérbios que expressam ideais racistas, homofóbicas, indigenofóbicas e sexistas são apenas brincadeirinhas ou contribuem para naturalizar relações desiguais de poder?”

As identidades são socialmente construídas, refletindo a maneira

como pensamos que outras pessoas nos veem e nos avaliam. Nessa construção, há valores culturais que fazem com que nossa autoestima seja alta ou baixa, de acordo com as posições que ocupamos na sociedade. A diversidade de papéis pode gerar conflitos, uma vez que o sujeito pode ser confrontado com papéis com expectativas contrárias, incompatíveis. Em relação à identidade de gênero, por exemplo, elase dá na cultura da escola por meio de suas práticas. Por isso, práticas sexistas no ambiente escolar devem ser repensadas para se constituir cidadãos(ãs) com identidades fortalecidas.

2.2. Entendendo os mecanismos ideológicos no discurso

A Análise do Discurso Crítica surge a partir da inquietação de alguns pensadores que pretendiam formular uma teoria que servisse não apenas para explicar os mecanismos de dominação ideológica, mas também para modificar as relações de dominação e poder impostas sobre os grupos minoritarizados. Desse modo, na década de 80 Norman Fairclough e Van Dijk se destacaram como principais expoentes da Análise de Discurso Crítica – Proposta teórico-metodológica para estudar o discurso e suas relações de poder e controle.

Segundo Melo (2012), a ADC propõe abordagens críticas para análise de textos, assumindo posicionamento explícito em relações a problemas sociais de cunho discursivo e negando o mito da ‘imparcialidade científica’, tendo como objetivo, desvelar discursos e ideologias que sustentem estruturas de dominação. Reforçando essa visão de Melo, Oliveira (2018, p. 5), ratificando Gramsch (1986), afirma que ADC tem como “objetivo central discutir como as relações de poder se manifestam no discurso para, a partir dessa percepção, desnaturalizar como tais relações podem ser abusivas para uma parte significativa da sociedade”.

É um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político.

Em vez de meramente descrever estruturas do discurso, a ACD procura explicá-las em termos de propriedades da interação social e especialmente da estrutura social: enfocando os modos como as estruturas do discurso produzem, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam as relações de poder e de dominação na sociedade. Sentidos ideológicos

estabelecem e sustentam relações de dominação.

A ADC dialoga com a abordagem crítica de ideologia de Thompson (2002a *apud* RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 25). Para ele, ideologia “é um instrumento semiótico de lutas de poder, ou seja, uma das formas de se assegurar temporariamente a hegemonia pela disseminação de uma representação particular de mundo como se fosse possível e legítima”. Se reproduzirmos acriticamente o senso comum, a ideologia contribui para sustentar desigualdades. Se, ao contrário, desvelamos, desnaturalizamos o senso comum, podendo coibir ou anular seu funcionamento ideológico.

Esse autor sugere cinco modos gerais de operacionalização da ideologia, ligados a estratégias típicas de construção simbólica, a saber:

1. Legitimação, quando as relações de dominação são representadas como legítimas e apresenta três estratégias típicas de construção simbólica: racionalização, universalização e narrativização.
2. Dissimulação, quando as relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas, e traz como estratégias simbólicas: deslocamento, eufemização e tropo.
3. Unificação, se dá quando há construção simbólica de identidade coletiva, tendo como estratégias simbólicas: padronização e simbolização da unidade.
4. Fragmentação, quando as relações apresentam uma segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante, sendo representada por duas estratégias simbólicas: diferenciação e expurgo do outro.
5. Reificação, quando há uma retratação de uma situação transitória como permanente e natural, apresentando três estratégias simbólicas: naturalização, eternalização e a nominalização ou passivação.

Na próxima sessão deste trabalho, farei uma breve análise de excertos de uma entrevista de uma Psicólogaa um programa de TV sobre ideologia de gênero. Esta análise terá como base os pressupostos da Linguística Aplicada Crítica e de Análise do Discurso Crítica apresentados anteriormente.

3. Descolonizando gênero: breve análise de um discurso

Partindo da concepção de identidades performativas, discutidas por Moita Lopes (2013), levando em consideração também a Linguística Aplicada *Queering* e os modos de operacionalização ideológicos descritos por Thompson (2002 a) e abraçados pela Análise do Discurso Crítica, farei uma breve análise de excertos da entrevista concedida pela Psicóloga Marisa Lobo, que também se reconhece como ativista Pró-família, ao Programa “Consultório de Família” da TV Novo Tempo, em 27 de outubro de 2015⁵¹. O tema da entrevista é “Os papéis do homem e da mulher na sociedade não podem ser desconstruídos.”.

Neste trabalho, o objetivo é analisar as escolhas lexicais feitas pela Psicóloga Marisa Lobo para discorrer sobre o tema proposto e identificar os modos utilizados para operacionalizar a ideologia e como se dá a construção simbólica das identidades e como isso reflete a capacidade de dominação ideológica do discurso. Reitero que fiz um recorte da entrevista e apresento apenas algumas falas da referida Psicóloga.

3.1. Buscando entender o discurso sobre identidade de gênero

Partindo do próprio título (tema) da entrevista, “Os papéis do homem e da mulher na sociedade não podem ser desconstruídos”, já identificamos o direcionamento que terá a discussão. Nele, é trazido claramente o binarismo hegemônico homem/mulher, questionado pela LAC e pelas Teorias Queer e, em relação ao modo de operacionalizar a ideologia discutido pela ADC, podemos identificar a Legitimação, representando a relação de dominação como justa e digna de apoio, através das estratégias de construção simbólica de Racionalização, quando a cadeia de raciocínio apresentada procura justificar uma relação entre os papéis do homem e da mulher definidos e que não podem ser modificados; e a estratégia de Universalização, quando interesses específicos são apresentados como interesses gerais, ou seja, todos ‘pensam’ assim. Além desse modo, identifiquei também a Reificação, que representa uma situação social e histórica como permanente, natural e atemporal, através da estratégia de Naturalização que ratifica essa condição de ser natural, no caso em questão, ‘não podem ser desconstruídos’.

⁵¹ A entrevista completa pode ser acessada em: <http://guiame.com.br/gospel/vídeos/marisa-lobo-papeis-do-homem-e-da-mulher-na-sociedade-não-podem-ser-desconstruídos.html>.

Ao longo da entrevista, Marisa Lobo, ao falar sobre ideologia de gênero no sistema educacional, ela diz:

Este é um discurso originado por uma teoria, chamada ‘teoria Queer’ de subversão ou desconstrução sexual. É uma teoria do feminismo liberal de gênero, que está vindo com tudo, entrando no Brasil por meio de políticas e pelo MEC e implantado nas escolas a educação de gênero neutro... Em vários países da Europa, as crianças já estão sendo tratadas como gênero neutro. Eles têm passado por muitos problemas. Já foi provado que isso não dá certo e agora esta teoria chega ao Brasil. (MARISA LOBO)

Observando essa fala, é possível identificar o modo de operacionalizar a ideologia através da Fragmentação, que segmenta indivíduos ou grupos potencialmente capazes de desafiar forças e interesses dominantes, através da estratégia de construção simbólica do Expurgo do outro, em que indivíduos ou grupos possam construir obstáculo ao poder hegemônico e que são representados como inimigo que deve ser combatido. Essa fala reforça a concepção de que o inimigo deve ser combatido, o inimigo, aqui, são os defensores e apoiadores das Teorias Queer, enfatizando, inclusive que “já foi provado que isso não dá certo”.

Em outro excerto, Marisa Lobo, confirma que o binarismo homem/mulher desde a origem da humanidade foi muito bem definido, cada um com seu papel e que não pode ser desconstruído, reiterando nessa fala o que já foi discutido anteriormente na análise do tema da entrevista. Ela diz:

Desde que o mundo é mundo, o homem é homem e mulher é mulher. O que se sente afetivamente é outra história. Não podemos confundir as coisas. Os papéis masculino e feminino existem sim, escritos biologicamente. Existe uma dicotomia entre os sexos masculino e feminino. Existem sim diferenças gritantes entre o homem e a mulher. Alguns papéis sociais, acho que a gente vai trabalhando com o tempo e vendo que tem coisas que o homem ou a mulher também podem fazer. [...] Mas os papéis do homem e da mulher na sociedade não podem ser desconstruídos. (MARISA LOBO)

Está muito claro nesta fala o posicionamento teórico da Psicóloga que é contrário ao defendido pela LAC na sua perspectiva performativa e *Queering* defendido por mim e por vários estudiosos na contemporaneidade. Na perspectiva da ADC, a dominação ideológica se dá no âmbito do modo de Legitimação, através da Racionalização, demonstrando a condução lógica do seu pensamento, e da Reificação por meio da Naturalização, defendendo seu ponto de vista de normalização. O fato de ser uma Psicóloga falando, torna esse discurso legítimo para o outro.

Durante o vídeo da entrevista, poderíamos elencar outras falas, mas para esse artigo, selecionei apenas esses excertos que demonstram claramente como usamos o nosso discurso para influenciar o outro e como podemos reconstruir nossas identidades através do discurso.

4. Considerações finais

É necessário desnormalizar a legitimidade de alguns discursos, visando contribuir para que tenhamos uma sociedade mais justa e menos preconceituosa, respeitando a diversidade e as vozes dos sujeitos sociais. A *Linguística Aplicada Crítica em interface com a Análise do Discurso Crítica* e, por que não de outros Estudos Críticos do Discurso, tem essa responsabilidade diante da Sociedade.

A ADC não se ocupa apenas da articulação entre palavras, das escolhas de termos carregados de ideologia utilizados pelos preconceitos ou pela dominação; tampouco se ocupa da forma gramatical de que os textos revestem o discurso. A ADC busca a explanação dos fenômenos sociais, desvelando o modo como o discurso, enquanto linguagem em uso participa dessa construção, estabilizando distorções sociais. “Para tanto, é preciso posicionar as pessoas, seus papéis, seu nível de poder e descrever a dinâmica social, entrevedo nas marcas dos textos as estruturas sociais que moldam as diferenças resultantes da riqueza ou da pobreza, por exemplo.” (BATISTA JR; SATO; MELO, 2018, p. 9).

Na perspectiva da LAC, encerro essa sessão com as palavras de Moita Lopes, reiterando que precisamos cada vez mais nos colocarmos no lugar do outro, ter empatia e dessa forma defender os direitos daqueles que foram colocados à margem da Sociedade:

[...] penso que ainda devemos operar em muitos contextos estrategicamente, defendendo políticas de diferença, uma vez que a desnormalização de qualquer sentido de essência pode apagar, muitas vezes, os direitos daqueles que ainda continuam em situação de desigualdade: negros, mulheres e pessoas homoeróticas [...] Temos que defender os direitos daqueles que foram e são massacrados por compreensões racistas, homofóbicas e misóginas. A esperança é que esse caminho de mão dupla, brevemente, se transforme em um só: o da lógica *queer*. (MOITA LOPES, 2013, p. 247)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

BATISTA JR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; ME-

LO, Iran Ferreira (Orgs). *Análise de discurso crítica: para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. de Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2008.

MELO, Iran Ferreira de (Org.). *Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 2012.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). *Linguística aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013.

OLIVEIRA, Daniele de. A representação do crime de racismo no discurso do Jornal Baiano Correio. In: *Cadernos de linguagem e sociedade*, 19(2), 2018.

OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013.

PENNUCOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

ROJO, Roxane. Caminhos para a LA: política linguística, política e globalização. In: NICOLAIDES, Christine *et al.* (Orgs). *Política e políticas linguísticas*. Campinas: Pontes, 2013.

TÍLIO, Rogério. Ensino crítico de língua: afinal, o que é ensinar criticamente? In: JESUS, Dánie Marcelo de; ZOLIN-VESZ, Fernando e CARBONERI, Divanize (Orgs). *Perspectivas críticas no ensino de línguas: novos sentidos para a escola*. Campinas: Pontes, 2017. p. 19-31

VAN DIJK, Teun. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

ZOGHBI, Denise Maria Oliveira. Sujeito e discurso não hegemônicos: uma discussão em Linguística Aplicada Contemporânea. In: HEINE, L.M.B. *et al.* (Orgs). *Sujeito & discurso: diferentes perspectivas teóricas*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Salvador: EDUFBA, 2015. p. 145-55